



**O MUNDO É UM ENIGMA:
O uso do coro na tragédia e a visão trágica do mundo**

Samon Noyama
FAFIUV / PR

Resumo: Este trabalho pretende analisar em que medida a visão trágica de mundo defendida por Nietzsche, sobretudo em seus primeiros textos, encontra-se com a maneira como Schiller recupera as tragédias clássicas para tentar construir uma verdadeira tragédia na modernidade. Entendemos que ele o faz no intuito de eliminar o fator tempo como determinante na arte e de buscar na tragédia moderna, à luz dos antigos, o auge da expressão e dos sentimentos genuinamente humanos. Para tanto, entendemos que a peça *A noiva de Messina* é um elemento fundamental para permitir enfrentar tal empreitada e compreender de que maneira Schiller e Nietzsche tratam a tragédia grega.

Palavras-chave: Tragédia, coro, trágico, Schiller, Nietzsche.

Abstract: This work intends to analyze whether or not the tragic vision defended by Nietzsche, especially in his early texts, may have to do with the way in which Schiller retakes the classic tragedies, aiming at writing a real tragedy in modern years. We understand that this looking back is done with the intuit of eliminating time as a determining factor of art and realizing in a modern tragedy, done in the light of the ancients, the highest point of human expression and feelings. In that context, the play *The Bride of Messina* is a fundamental element that allows us to face that journey, and to understand in what manner Schiller and Nietzsche have treated the Greek tragedy.

Keywords: Tragedy, chorus, tragic, Schiller, Nietzsche.

São duas as querelas históricas que envolvem o círculo intelectual e filosófico dos estados germânicos da segunda metade do século XVIII até o fim do século XIX: primeiro, a disputa entre a ciência, a filosofia e a arte pelo papel preponderante na formação cultural da humanidade [*Bildung*]; segundo, a definitiva influência da cultura clássica na produção e no pensamento germânicos nas artes. Esse cenário é palco para o desenvolvimento das questões que pretendemos suscitar com este texto, afinal, é na admiração à cultura grega, acima de tudo à tragédia grega, que Schiller e Nietzsche se inspiraram para fazer valer a máxima cunhada por Winckelmann, que já se tornou quase um dito popular para aqueles que se

Noyama, Samon
O mundo é um enigma

debruçam sobre o assunto. Diz ele: “o único caminho para nos tornarmos grandes, sim, [...] inimitáveis, é a imitação dos antigos”¹.

Tomamos a visão trágica do mundo como o principal enredo do pensamento de Nietzsche a ser tratado nesta exposição, e é justamente essa maneira de ver o mundo que fez do filósofo o mais famoso crítico da tradição filosófica e cultural do ocidente, cujo principal elemento é a supervalorização da racionalidade – que toma forma na figura do socratismo. É ela também que legitima, por assim dizer, a idéia de Nietzsche de que desde que admitimos a verdade como maior valor de nossa cultura e escolhemos a razão como melhor método para alcançá-la, embarcamos num caminho decadente rumo ao fracasso e à fraqueza inexoráveis.

Nas suas preleções sobre a tragédia de Sófocles², Nietzsche faz um elogio à forma como Schiller usou o coro em *A noiva de Messina*, uma de suas últimas produções (1802-3). Aliás, a forma com que Schiller usa o coro provocou uma série de manifestações negativas – as mais conhecidas são as de Schelling e dos irmãos Schlegel, e o fato de apenas Nietzsche tê-la elogiado, além da coincidência irônica, nos revela já uma evidência importante: as concepções de tragédia e de mundo gregos são tão próximas para Schiller e Nietzsche, como a diferença dos dois em relação aos seus contemporâneos era radical. Enquanto os críticos fazem coro acusando um retrocesso artístico, Nietzsche escreve:

Com o coro, Schiller queria realizar uma revolução radical; em nenhum outro lugar ele é mais idealista do que aqui. Tudo superficial, o que foi dito contra *A noiva de Messina*; ele reproduziu a Antiguidade num sentido extremo, de muito mais profundo do que foi reconhecido na época pelos eruditos.³

A revolução radical feita por Schiller seria o uso do coro como um elemento para fugir ao naturalismo. O uso do coro nos moldes do *Édipo* de Sófocles recria a atmosfera grega, trágica, que proporciona justamente o retorno à antiguidade, suas intenções e efeitos. A vida e o mundo são trágicos e só a reconstituição deste ambiente recriaria a tragédia antiga na modernidade. Não importa para que direção a personagem corra, as crenças que tenha, a

¹ No original em alemão: “*Der einzige Weg für uns, groß, ja, [...] unnachahmlich zu werden, ist die Nachahmung der Alten*”. Tradução de Márcio Seligmann-Silva, in: *O local da diferença*. São Paulo: Ed.34, 2005, p.254.

² Essas preleções compõem parte dos estudos filológicos de Nietzsche, quando professor na Basileia, e antecipam algumas idéias que surgem depois mais desenvolvidos no *Nascimento da Tragédia*. Foram editadas no Brasil como: *Introdução à tragédia de Sófocles*. Tradução de Ernani Chaves. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

³ NIETZSCHE, F. *Introdução à tragédia de Sófocles*. Tradução de Ernani Chaves. Rio de Janeiro: Zahar, 2004, p. 67-8.

Noyama, Samon
O mundo é um enigma

razão ou qualquer tentativa de interferir no seu futuro: o destino do homem é trágico e irreversível.

O próprio Nietzsche cita Édipo como referência para o caso: fugir do próprio destino é correr ao seu encontro. Por mais que Édipo tentasse evitar a confirmação da profecia dos oráculos, quanto mais ele insistia em fugir mais próximo ele ficava de seu destino; e quanto mais buscava desvendar o assassinato de seu pai, mais as revelações o definiam como o legítimo culpado. A busca para reconstituir sua história pessoal o levou a montar o quebra cabeça de sua vida e revelar sua dupla face: o mais ilustre cidadão de Tebas tornou-se ele mesmo o maior vilão. O mesmo homem guarda em si o melhor e o pior das qualidades humanas e nada pode fazer para mudar o seu destino.

Para Nietzsche, esse é o ápice da experiência da existência humana. Todas as formas de negação e de fuga do assombroso da vida humana, que ganharam nomes e formas na cultura ocidental como ciência, filosofia e cristianismo, são meros atalhos paliativos para esta fuga do homem que teme a si mesmo, que teme descobrir o que ele é. Cabe aqui inclusive uma alusão ao *Retrato de Dorian Gray*, de Oscar Wilde, pois à investigação, uma seqüência de descobertas revela o destino trágico: quanto mais procura saber sobre o traidor dos tebanos, mais a sua própria imagem se parece com o resultado de sua busca; a descoberta crescente de si mesmo é a direção de seu fim inevitável. A proximidade com a consciência de si é a própria chegada do desfecho trágico de sua vida.

Segundo a leitura de Nietzsche, a maneira como Schiller usa o coro em *A noiva de Messina* reconstitui o mundo grego em questão; é este seu chão ideal, pois a sua separação da realidade é, antes de uma ilusão, uma reconstituição daquela realidade. A voz do coro é a passagem da sabedoria dionisíaca da tragédia, cujo efeito mais imediato, sobretudo na visão de Nietzsche em *O nascimento da tragédia* é a sensação de unificação dos homens entre si, e dos homens com a sociedade e com a natureza: esse é o tal sentimento que transforma o abismo que antes tornava homem e mundo antagonicos, e agora os une com o vigor e a força da natureza.

Em *A noiva de Messina*, o tenebroso destino de Édipo se repete na discórdia entre os filhos herdeiros de D. Isabel. Viúva, ela lamenta o ódio encarnado entre os filhos e a disputa pelo poder. Após a morte do marido, ela imagina que revelar o segredo há tempos guardado poderia, enfim, selar a paz entre os irmãos, evitar o pior e acalmar Messina, já que a cidade não conseguia mais conviver com o conflito familiar. No momento mais próximo de uma

Noyama, Samon
O mundo é um enigma

felicidade jamais vivida, D. Isabel pretende anunciar tal segredo: os filhos têm uma irmã, Beatriz, que agora pode retornar ao lar de onde nunca deveria ter saído. Eis que começa então a seqüência de descobertas que leva esta história de encontro à tragédia de Sófocles. Os dois irmãos resolvem aproveitar a feliz ocasião para apresentar suas respectivas pretendentes, até então desconhecidas de todos. Nomes não são revelados, e ninguém percebe que a princesa e as duas pretendentes são precisamente a mesma pessoa, a infeliz Beatriz, que descobre ser princesa no mesmo dia em que vê seus dois pretendentes – que descobre mais tarde, seus irmãos – disputarem o seu amor até a morte. Tal infortúnio leva ao fim trágico de um fratricídio, evento do qual todos participam apenas com sofrimento e sem a menor chance de interferir no desfecho trágico.

A nossa proposta é defender a tese de que em *A noiva de Messina* a visão de mundo de Schiller é a mesma de Sófocles. É possível sustentar essa idéia tomando como base o argumento do próprio Nietzsche de que ele (Schiller) reproduz na tragédia dos irmãos inimigos a visão trágica do mundo e que o elemento fundamental para entender a tragédia nesse sentido é a forma como ele usa o coro. Ela reconstitui a tragédia grega em plena modernidade, e esta ação tem duplo sentido: primeiro, um reconhecimento aos gregos por usarem o coro como elemento purificador da poesia dramática – mesmo que isto se dê de forma inconsciente – pois ele não restringe o coro apenas ao círculo da ação e permite, com isso, a reflexão, a exortação do conflito trágico entre vida e pensamento. Segundo, no que diz respeito à forma: a supressão do coro faz com que a potência e o vigor da tragédia apareçam como uma violência, pois sua força aparece como exagero ou excesso. Nas preleções sobre Sófocles, Nietzsche diz:

A visão trágica do mundo encontra-se apenas em Sófocles. O destino imerecido parece-lhe trágico: os enigmas da vida humana, o verdadeiramente aterrador era sua musa trágica.⁴

Para ele Sófocles é o último tragediógrafo capaz de expressar a visão trágica do mundo. Porém, o sucesso da filosofia socrática e a sua profunda influência na formação da cultura grega, inclusive na criação artística, fizeram das tragédias de Eurípides o início da derrocada da arte genuinamente dionisíaca, fato que marca o nascimento de uma arte que nega a impulsividade, os instintos e privilegia a ordem, a lógica e a racionalidade. Não se

⁴ NIETZSCHE, F. *Introdução à tragédia de Sófocles*. Tradução de Ernani Chaves. Rio de Janeiro: Zahar, 2004, p.87.

trata de uma unanimidade, mas esta perspectiva defendida por Nietzsche tornou-se bastante relevante para as posteriores investigações sobre a tragédia.

Esta visão trágica do mundo sustentada por Nietzsche desapareceu, sobretudo, quando a arte grega sofreu definitiva influência da filosofia de Sócrates, quer dizer, quando a fama de Eurípides o transforma em principal poeta da Grécia, assumindo o lugar de Sófocles, ainda que isto só tenha ocorrido nos seus últimos dias de vida. Sua ascensão tardia está atrelada à da classe média burguesa, que representava os anseios políticos do próprio Eurípides, e, de uma forma geral, consentia com os princípios da filosofia de Sócrates.

É fundamental perceber que a diferença estilística entre os três poetas – Ésquilo, Sófocles e Eurípides – é também um problema determinante para a distância entre eles: a julgar por Nietzsche, a tríade poética evidencia a travessia do ápice à decadência da cultura grega. “Ésquilo faz o melhor, sem saber”; é o próprio Sófocles quem anuncia a diferença. Se por um lado Ésquilo não tinha ciência do que fazia, as mudanças estruturais feitas pelo autor de *Édipo Rei* sustentam a distinção entre os poetas: o aumento de 12 para 15 coreutas, a inclusão de mais um ator, o desenvolvimento da virtuosidade e, fundamentalmente; não é mais o instinto que impulsiona a tragédia, mas o pensamento que no seu todo está em consonância com os instintos.

Nietzsche afirma que “a tragédia de Eurípides é o termômetro do pensamento estético e ético de sua época”⁵. São duas as razões que marcam a ruptura radical entre Sófocles e Eurípides. Primeiro, uma ruptura em relação à ordem social: as formas de vida e a própria organização da sociedade refletem o espírito crítico refinado, um processo de esclarecimento e uma vontade de mudar o mundo de acordo com o pensamento, seguindo as rédeas da razão. O instinto é destruído como inspiração da tragédia, e o que move a obra de arte não é mais o seu sentido, e sim, o efeito por ela provocado.⁶

Se compararmos a visão de mundo trágica sustentada por Nietzsche nestes escritos que antecedem ao *Nascimento da Tragédia*, vamos encontrar em Sófocles a sua expressão mais significativa, e talvez em *Édipo Rei* o exemplar da tragédia (essencialmente) dionisíaca.

⁵ NIETZSCHE, F. *Introdução à tragédia de Sófocles*. Tradução de Ernani Chaves. Rio de Janeiro: Zahar, 2004, p.91.

⁶ Se o ponto de partida desta investigação fosse a *Poética* de Aristóteles, teríamos de assumir Eurípides como o mais trágico dos poetas, pois o efeito suscitado pela obra estaria em acordo com a finalidade catártica da perspectiva aristotélica. Provocar medo e compaixão seria a razão de ser da tragédia em sua finalidade purificadora, perspectiva bem distante da defendida por Nietzsche neste momento.

É neste sentido a nossa tentativa de ler a tragédia schilleriana dos irmãos inimigos como representante moderna da arte verdadeiramente trágica, mas isto ainda exige, pelo menos, duas excursões.

A primeira delas é coadjuvante e se refere ao uso da expressão ‘dionisíaca’ e sua importância ao longo do pensamento de Nietzsche. A segunda remete às implicações filosóficas da sustentação da hipótese inicial que pode ser resumida numa provocação de Schiller. Quando finalizou a redação de *A noiva de Messina*, que estreou no ducado de Weimar em 19 de março 1803, ele escreveu à Humboldt: “O senhor julgará se eu, como contemporâneo de Sófocles, também poderia, pelo menos uma vez, ter recebido um prêmio.”⁷

A *visão Dionisíaca do mundo*, um dos textos preliminares ao *Nascimento da Tragédia*, introduz a noção de pulsão dionisíaca da arte como estrita e necessariamente ligada à outra pulsão, a apolínea. Em seu primeiro livro Nietzsche elabora o embate e a reconciliação intermináveis entre Apolo e Dioniso como fundamento da arte, e a este mesmo livro, anos mais tarde, dedica uma tentativa de autocrítica. O foco desta autocrítica é justamente a perspectiva dialética do fundamento da arte, pois da forma como apresentada, ele ainda estaria preso à tradição filosófica e profundamente influenciado pela filosofia de Schopenhauer e iludido ingenuamente em relação à música de Wagner.

A julgar exclusivamente pela tentativa de autocrítica, o problema do dionisíaco não se resolve no *Nascimento da Tragédia*, pois nele aparece ainda subordinado à sua relação necessária com o apolíneo, e o movimento desta dicotomia é um fluxo de embate e reconciliação, o que estabeleceria este fundamento à luz da tradição filosófica – isto é, um fundamento essencialmente metafísico. A resposta à pergunta “que é o dionisíaco?” não satisfaz o problema do nascimento do trágico, e desta forma, os gregos “continuam como antes, inteiramente desconhecidos e inimagináveis”⁸. Permanece para Nietzsche a importância da visão trágica do mundo, mesmo que o antagonismo entre Apolo e Dioniso em sua gênese sofra com a mudança posterior do embate entre as duas pulsões. Afinal, é possível considerar o Dioniso tardio não mais como subordinado à sua dicotomia originária, e sim, uma força independente, livre, e superior ao seu princípio dialético.

⁷ NIETZSCHE, F. *Introdução à tragédia de Sófocles*. Tradução de Ernani Chaves. Rio de Janeiro: Zahar, 2004, p.70.

⁸ NIETZSCHE, F. *Tentativa de autocrítica*, in: *O nascimento da Tragédia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. Tradução de J. Guinsburg, p.16.

Noyama, Samon
O mundo é um enigma

Permanecendo o enigma sobre os gregos, a maneira como Nietzsche enxerga a tragédia de Schiller põe como iguais a visão de mundo exposta em *A noiva de Messina* e no *Édipo rei*. À margem das significativas diferenças entre Schiller e Sófocles, o destino trágico dos irmãos inimigos é o mesmo de Édipo: condenados a sofrer o mais terrível e inevitável castigo. Nada poderiam fazer para mudar o fim de suas vidas, nas quais a natureza e o divino revelam toda a sua força e potência, e tornam o mundo um solo árido para todo ser humano.

O coro na tragédia dos irmãos inimigos impede o amálgama com o tema; assim como Sófocles não repete Ésquilo e sai da posição de protagonista: ele se torna um curador que nada tem com a ação dramática, a mesma separação feita por Schiller. O autor se distancia do seu problema, ou melhor, eles – autor e tema – deixam de compor uma unidade. Numa carta à Goethe, Schiller revela a importância do *Édipo* na concepção de *A noiva de Messina*:

O acontecido como inalterável é, segundo sua natureza, muito mais terrível, e o medo de que algo pudesse ter acontecido afeta o ânimo de maneira bem diferente do medo de que algo pudesse acontecer.⁹

Nas palavras de Nietzsche, “O mundo é um enigma: Sófocles não é o poeta da perfeita harmonia entre divino e humano: submissão e resignação incondicionais, eis a sua doutrina”¹⁰. Segundo Schiller, o coro é ainda mais importante para a tragédia moderna do que era para os antigos, porque “transforma o mundo moderno comum em mundo poético antigo, porque torna inutilizável para ele tudo o que resiste à poesia”¹¹.

Em *Sobre o uso do coro na tragédia*, ele é ainda mais enfático:

O palácio dos reis está agora fechado, os tribunais se retiraram das portas das cidades para o interior dos edifícios, a escrita sufocou a palavra viva, o próprio povo, a viva massa sensível, onde não atua como violência bruta, se transformou em Estado, ou seja, num conceito abstrato, os deuses voltaram para dentro do peito humano. O poeta tem de abrir novamente os palácios, tem de trazer os tribunais de volta para o céu aberto, tem de restabelecer os deuses, tem de restituir toda a imediatez suprimida pela ordenação artificial da vida real (...) aquilo que torna visível a suprema entre as formas, a forma humana.¹²

⁹ NIETZSCHE, F. *Introdução à tragédia de Sófocles*. Tradução de Ernani Chaves. Rio de Janeiro: Zahar, 2004, p. 71.

¹⁰ NIETZSCHE, F. *Introdução à tragédia de Sófocles*. Tradução de Ernani Chaves. Rio de Janeiro: Zahar, 2004, p. 71.

¹¹ SCHILLER, F. *Sobre o uso do coro na tragédia*, in: *A noiva de Messina*. Tradução de Gonçalves Dias. São Paulo: Cosac & Naify, 2004, p.191.

¹² SCHILLER, F. *Sobre o uso do coro na tragédia*, in: *A noiva de Messina*. Tradução de Gonçalves Dias. São Paulo: Cosac & Naify, 2004, p. 191-2.

Noyama, Samon
O mundo é um enigma

Podemos encerrar essa breve investigação reconhecendo que Nietzsche vê nesta obra de Schiller o que parecia impossível: um poeta capaz de ignorar os grilhões da cultura ocidental moderna e enxergar na escuridão de sua época a condição humana na visão antiga. Mais ainda, um poeta com a ousadia de reconstituir a tragédia em seu mais admirável significado. Essa atitude poderia representar um movimento importante, do resgate do que há de mais humano no homem, isto é, a nossa fraqueza, a nossa pequenez diante dos deuses e da natureza, e o nosso irremediável caminho trágico.

Referências bibliográficas:

- ARISTÓTELES. *Poética*. Tradução de Eudoro de Souza. São Paulo: Abril, 1979.
- HÖLDERLIN, F. *Observações sobre Édipo e observações sobre Antígona*. Tradução e notas de Pedro Sússekind e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- MACHADO, Roberto. *Nietzsche e a verdade*. Rio de Janeiro: Graal, 1999.
- NIETZSCHE, F. *A visão dionisíaca do mundo*. Tradução de Marcos Sinésio P. Fernandes e Maria Cristina dos S. de Souza São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- _____. *Introdução à tragédia de Sófocles*. Tradução de Ernani Chaves. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- _____. *O nascimento da tragédia*. Tradução de J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- SCHILLER, F. *A noiva de Messina*. Tradução de Gonçalves Dias. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.
- _____. *Teoria da tragédia*. Tradução de Anatol Rosenfeld. São Paulo: EPU, 1992.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. *O local da diferença*. São Paulo: Editora 34, 2005.
- SÓFOCLES. *Édipo Rei*. Tradução de Geir Campos. São Paulo: Abril, 1976.

[Recebido em novembro de 2008; aceito em dezembro de 2008.]